

A tríade de Tucídides aplicada à Guerra da Ucrânia

Cláudio Passos Calaza ^a

Resumo: O presente artigo analisa a Guerra da Ucrânia à luz da chamada Tríade de Tucídides, composta pelos conceitos de honra, medo e interesse, considerados pelo historiador grego como os principais motivadores dos conflitos armados. Inicialmente, apresenta-se a origem do conceito a partir da obra *História da Guerra do Peloponeso* e sua posterior sistematização por estudiosos das Relações Internacionais, como Robert Gilpin, Donald Kagan e Michael Doyle. Em seguida, são examinadas as três dimensões da tríade. A honra relaciona-se ao prestígio, à identidade nacional e à busca pela preservação da reputação dos Estados. O medo decorre da percepção de ameaças à segurança e pode levar à adoção de medidas preventivas ou ofensivas. O interesse refere-se à obtenção de vantagens políticas, econômicas ou estratégicas. Aplicando esse referencial ao conflito russo-ucraniano iniciado em 2022, argumenta-se que a invasão russa pode ser compreendida pela combinação dessas três motivações: a tentativa de restaurar o status geopolítico da Rússia e sua influência histórica sobre a Ucrânia; o receio da expansão da OTAN e da integração ucraniana ao Ocidente; e os interesses relacionados à posição estratégica, aos recursos naturais e à importância econômica do território ucraniano. Conclui-se que a interpretação tucididiana permanece relevante para a compreensão das causas estruturais das guerras contemporâneas.

Palavras-chave: Guerra na Antiguidade; Guerra na Ucrânia; estratégia.

INTRODUÇÃO

Tucídides (c. 460–c. 400 a.C.) foi historiador e estrategista ateniense, autor da *História da Guerra do Peloponeso* (431–404 a.C.), obra que ocupa posição

central na tradição da historiografia e do pensamento político ocidental. A obra examina o conflito que opôs a Liga do Peloponeso, sob hegemonia espartana, à Liga de Delos, sob hegemonia ateniense. Sua abordagem privi-

^a Coronel da Força Aérea Brasileira, mestre em Ciências Aeroespaciais. Associado Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



legia a análise estrutural dos eventos, investigando causas e consequências da guerra à luz da razão e da lógica, em detrimento de explicações providencialistas ou mitológicas. Amplamente reconhecido como precursor da história científica, Tucídides é igualmente considerado um dos fundadores do pensamento realista nas Relações Internacionais, em razão de sua visão pragmática acerca da política e dos determinantes estruturais do conflito armado.

O contexto de intensificação das tensões geopolíticas e de eclosão de conflitos na terceira década do século XXI reacendeu um debate clássico: por que povos, civilizações ou Estados ingressam em guerra? Trata-se de questão que tem dividido e desafiado estudiosos do fenômeno bélico ao longo de séculos. Tucídides foi, possivelmente, o primeiro pensador a oferecer uma explicação sistemática para essa indagação. Em sua obra, o historiador sustenta que o conflito no mundo helênico decorreu de

uma combinação de fatores: a busca por honra (*timê*), o medo (*phobos*) recíproco entre as cidades-estados e os distintos interesses (*kerdos*) em disputa. Para Tucídides, tais elementos constituem paixões ou disposições fundamentais que, latentes ou manifestas, impelem líderes e sociedades ao confronto armado.

A SISTEMATIZAÇÃO DA TRÍADE

Os componentes da honra, do medo e dos interesses estão explicitamente enunciados por Tucídides no Livro I (Seção 75) da *História da Guerra do Peloponeso*. Contudo, foi apenas na segunda metade do século XX que estudiosos de Relações Internacionais — sobretudo os filiados ao Realismo Clássico — consolidaram a expressão "Tríade de Tucídides". O principal precursor dessa sistematização foi o cientista político Robert Gilpin que, em *Guerra e Mudança na Política Mundial* (1981), mobilizou ex-



tensivamente a lógica tucididiana para explicar a ascensão e o declínio dos impérios com base nas categorias de segurança (medo), prestígio (honra) e bem-estar (interesse).

Em seguida, Donald Kagan, historiador da Universidade de Yale e reconhecida autoridade sobre a Guerra do Peloponeso, isolou sistematicamente esses três fatores em *Sobre as Origens da Guerra e a Preservação da Paz* (1995), aplicando-os não apenas à Grécia Antiga, mas também à Primeira Guerra Mundial e à Crise dos Mísseis de Cuba, popularizando o conceito nos meios acadêmicos e nas instituições de ensino militar, como o Naval War College dos Estados Unidos. Em 1997, Michael Doyle, em *Ways of War and Peace*, formalizou as três motivações como fundamento da psicologia dos Estados na tradição realista das Relações Internacionais.

A Honra

A honra (*timê*) refere-se à identidade nacional, ao prestígio

e à reputação de uma civilização, Estado, classe dirigente ou lideranças políticas. Inúmeros conflitos foram travados com vistas à preservação da dignidade nacional ou à prevenção de humilhações públicas. Sob a perspectiva tucididiana, quando um Estado, povo ou civilização percebe que sua honra foi violada, tende a acumular ressentimentos que podem catalisar o recurso à guerra. Esse princípio articula-se às noções de orgulho nacional, respeito e credibilidade no sistema internacional. A honra pode conduzir a decisões irracionais ou impulsivas, uma vez que se fundamenta em percepções e disposições afetivas, e não em cálculos estratégicos. Com frequência, Estados empreendem guerras que poderiam ser evitadas apenas para preservar sua imagem como potência dominante ou para não ceder terreno diante de rivais.

O Medo

O medo (*phobos*) constitui um dos motivadores mais pode-



rosos para a guerra, sendo engendrado pela percepção de ameaças existenciais ou estratégicas. A síntese tucididiana é lapidar: "Foi o crescimento do poder de Atenas, e o alarme que isso inspirou em Esparta, que tornou a guerra inevitável."

Estados ou coalizões podem optar pelo ataque preventivo ante o receio de que, caso não o façam, serão subjugados ou enfraquecidos no futuro. O medo pode assumir caráter tanto racional – quando fundado em ameaças objetivamente identificáveis – quanto irracional, quando a paranoia ou a percepção distorcida do adversário conduz a decisões precipitadas.

O dilema de segurança constitui aqui um mecanismo central: medidas de natureza defensiva adotadas por um Estado podem ser interpretadas como agressivas pelo adversário, gerando espirais de tensão e escalada do conflito.

O Interesse

O interesse (*kerdos*) ao qual Tucídides se refere pode ser compreendido como a busca por vantagens materiais, estratégicas ou políticas que induzem um Estado ou grupo a iniciar ou sustentar uma guerra. Essas vantagens podem abarcar território, recursos naturais, vias comerciais, projeção geopolítica ou segurança econômica.

Trata-se de um princípio de natureza pragmática e racional: o recurso à guerra tende a ocorrer quando os atores envolvidos avaliam que o custo do conflito será inferior aos benefícios esperados.

Contudo, dado o caráter inerentemente imprevisível da guerra, esse cálculo frequentemente se revela equivocado, transformando o confronto armado em um empreendimento de retorno incerto.



A TRIÁDE APLICADA À GUERRA DA UCRÂNIA

Em fevereiro de 2022, a Federação Russa, sob a liderança de Vladimir Putin, desencadeou uma invasão em larga escala ao território ucraniano, inaugurando um conflito que se estende até o presente. O governo russo classificou a intervenção como uma "operação militar especial" destinada a proteger os separatistas russófonos da região do Donbass, declarando como objetivos a "desmilitarização" e a "desnazificação" da Ucrânia.

A teoria tucididiana das motivações para a guerra oferece instrumental analítico relevante para a compreensão das causas estruturais desse conflito, ainda que o contexto contemporâneo introduza nuances ausentes no cenário helênico. A seguir, examina-se o conflito à luz de cada uma das três dimensões da tríade.

A dimensão da honra

A Rússia reivindica um papel histórico e cultural sobre a Ucrânia, postulando que russos e ucranianos constituem "um único povo". Para fundamentar essa pretensão, o governo russo mobiliza, de forma ressignificada, a ideologia pan-eslavista, posicionando a Rússia como a potência predestinada a liderar a unificação dos eslavos em uma entidade nacional comum. Nessa perspectiva, Moscou recusa o reconhecimento pleno da soberania ucraniana, interpretando Kiev como pertencente ao espaço civilizacional russo.

Putin tem manifestado reiteradamente sua inconformidade com o colapso da União Soviética, caracterizando-o como a maior catástrofe geopolítica do século XX, responsável pela perda de poder e influência russa na Europa Oriental. Nessa lógica, o presidente russo projeta-se como um estadista predestinado a restaurar os domínios históricos do Império Russo e Soviético, buscando reafirmar a hegemonia



rusa e impor uma nova ordem internacional multipolar que contrabalance a supremacia ocidental.

A dimensão do medo

Putin tem expressado sistematicamente seu temor em relação à aproximação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e, de modo particular, da União Europeia (UE) às fronteiras russas. O período pós-soviético assistiu ao declínio progressivo da influência de Moscou no espaço pós-soviético: os países bálticos – Estônia, Letônia e Lituânia – anteriormente integrados ao Império Russo e à União Soviética, alcançaram a independência e aderiram tanto à UE quanto à OTAN.

Trajetória análoga foi seguida por diversas nações outrora pertencentes à esfera de influência soviética. A perspectiva de integração da Ucrânia à UE – o que implicaria o desenvolvimento de uma economia próspera sob regime democrático – representa uma ameaça direta ao mo-

delo político autoritário e ao sistema econômico oligárquico de Putin.

A adesão ucraniana à OTAN, por sua vez, é percebida e apresentada como a principal ameaça à segurança estratégica russa. Ao desencadear a guerra, Putin visou afastar preventivamente essas ameaças, almejando redefinir a Ucrânia como território anexado ou como Estado vassalo e tampão.

A dimensão dos interesses

A Rússia nutre interesses geopolíticos e econômicos substantivos em relação à Ucrânia – um Estado de vasto território, dotado de considerável potencial agrícola, recursos minerais estratégicos e parque industrial herdado do período soviético. Estão em disputa extensas áreas de terras férteis, com expressiva produção de cereais que abastece mercados europeus e globais.

O subsolo ucraniano contém reservas significativas de ferro, carvão, manganês, titânio, lítio e outros minerais de alto valor



estratégico. A península da Crimeia representa uma projeção estratégica de primeira grandeza para o controle do Mar Negro, como demonstrou a anexação russa de 2014, motivada pela necessidade de manutenção da base naval de Sebastopol.

Ademais, o território ucraniano constitui corredor de trânsito indispensável para gasodutos e oleodutos russos destinados ao mercado europeu, conferindo à cooperação ucraniana papel central no modelo exportador energético da Rússia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida demonstra que a Guerra da Ucrânia pode ser plenamente interpretada à luz das motivações tucidianas: uma potência regional historicamente hegemônica (Rússia) responde às ameaças percebidas de um Estado recém-emancipado e com trajetória de integração ocidental em suas fronteiras imediatas (Ucrânia). A invasão

russa configura, sob esse prisma, uma tentativa de preservar e ampliar a esfera de dominação sobre uma área de importância econômica e estratégica vital para Moscou.

A dimensão da honra manifesta-se no imperativo russo de reafirmar sua posição no sistema internacional e de resistir ao que percebe como uma marginalização progressiva de seu status de grande potência. A guerra constitui, em parte, uma contestação à hegemonia ocidental liderada pelos Estados Unidos e pela União Europeia: Putin busca demonstrar que a Rússia não aceita um papel subordinado às decisões de Washington ou Bruxelas.

A dimensão do medo reflete-se na decisão de agir preventivamente antes que a integração ucraniana ao Ocidente se tornasse irreversível – um temor estruturalmente análogo ao dos espartanos diante do crescimento do poder ateniense. Da mesma forma que a ascensão de Atenas conduziu Esparta à guerra preventiva, o avanço da influência



ocidental sobre Kiev engendrou em Moscou um temor existencial que precipitou o conflito.

Por fim, a persistência e a atualidade do esquema analítico de Tucídides evidenciam que as motivações fundamentais para a guerra podem ser compreendidas nas dimensões do princípio moral (honra), do estado emocional (medo) e do cálculo racional (interesse). A invasão da Ucrânia expressa, de forma contundente, essa dinâmica multidimensional: articula a busca pela restauração do orgulho nacional e do status de potência mundial, o temor da perda de influência estratégica e os interesses geopolíticos e econômicos que Moscou identifica como vitais à sua sobrevivência como potência regional.

BIBLIOGRAFIA

BORTNIK, Ruslan. On the Current Globalization and the Causes of the Russian-Ukrainian War. *Ukrainian Policymaker*, v. 11, n. 11, p. 19-25, 2022.

BUGIATO, Caio. *A Guerra na Ucrânia sob a ótica das Teorias de Relações Internacionais: discussão sobre causas e caráter da guerra*. 2023.

GILPIN, Robert. *War and Change in World Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GOMES, Tomé Ribeiro. Tucídides na Teoria das Relações Internacionais. *Political Observer / Revista Portuguesa de Ciência Política*, n. 17, 2022.

JOHNSON, Laurie M. Thucydides the realist? In: *A Handbook to the Reception of Thucydides*. p. 391-405, 2014.

KAGAN, Donald. *On the Origins of War and the Preservation of Peace*. New York: Doubleday, 1995.

KURY, Mario da Gama (Trad.). *Tucídides: História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

KYRYDON, Alla; TROYAN, Serhiy. The Russian-Ukrainian War (2014-2022): Basic Preconditions and Causes. *Balkan Social Science Review*, v. 20, p. 157-179, 2022.